

Jornalismo, Pós-Verdade, Discurso, Língua e Linguagem ¹

Brenda Mércia do Nascimento LIMA²
Me. Genivaldo do NASCIMENTO³

RESUMO

Esse estudo analisa a relação entre o jornalismo e a pós-verdade. Considera como elemento importante a construção discursiva engendrada pelo uso da língua. Como recorte de estudo, analisa o discurso político e descreve, como exemplos de construção da pós-verdade, fatos ocorridos no Europa (Brexit), na América Latina (plebiscito na Colômbia acerca das Farc) e em falas de Donald Trump. Assim, o objetivo desse trabalho foi discutir alguns aspectos ligados a ditos desses produzidos nessas situações, ou seja, aqueles que, atravessados por elementos ideológicos, falam em um determinado contexto, a partir de algum lugar/campo e procuram alcançar certos objetivos. A pertinência desse estudo está ancorada na tentativa de aplicar aspectos dos conceitos de contra identificação, elaborados pela Análise do Discurso Francesa.

Palavras-chave: Pós-verdade; discurso; ideologia; política.

1 Introdução

O estudos linguístico-discursivos têm como principais objetos de observação investigativa a língua, a frase, o texto e/ou discurso. A perspectiva adotada por Rask, Grimm e Bopp, ao desenvolverem o método comparativo na Linguística Histórica, centrou o olhar investigativo nas mudanças da língua e desconsiderou a importância do contexto de fala e do sujeito falante.

O Estruturalismo, o Gerativismo e o Formalismo Russo também “olharam” somente para a língua. Nessas correntes de estudo, o que importa são as regras do sistema que a constitui. Os elementos contextuais e subjetivos não exercem, segundo essas teorias, influência no dito ou já-dito.

No Século XX, com a chegada, por exemplo, do Pós-Estruturalismo, da Linguística Textual, Sociolinguística, Teoria da Recepção e das Análises do Discurso Francesa e Crítica), a língua, vista apenas como sistema, deixou de ser o centro das análises

¹ Trabalho apresentado na Intercom Júnior do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Bacharelanda do Curso de Jornalismo (UFCA), e-mail: brendamerica17@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor da Universidade de Pernambuco (UPE), e-mail: gnascimento26@yahoo.com.br

linguístico-discursivas. Outros elementos passaram a ocupar a atenção dos estudiosos. Foi então que a frase, o texto, o discurso, os sujeitos (falantes, discursivos, enunciativos, pragmáticos), sentido, significado, interdiscurso, dialogismo e ideologia começaram a influenciar os estudos acerca do uso da língua. É nessa última perspectiva que esse estudo foi feito: entender o uso da língua a partir de diversos elementos, não somente o código/sistema em si, para a construção da pós-verdade.

Para a compreensão da pós-verdade no jornalismo, esse estudo usa o discurso político como recorte. Analisa fatos ocorridos no Europa (Brexit), na América Latina (plebiscito na Colômbia acerca das Farc) e em falas de Donald Trump. Para isso, este trabalho mobiliza conceitos, principalmente, da Análise do Discurso e da Linguística.

Não é objetivo desse estudo questionar o conceito de objetividade do fato jornalístico, mas sim de analisar como o uso da língua, a partir do discurso, portanto da ideologia, influencia na construção da narrativa da pós-verdade, transformando esta também em uma verdade. Assim, esse trabalho considera que, na construção da pós-verdade, as palavras não significam coisas somente e sim que elas fazem as coisas acontecerem (BAZERMAN, 2008).

Essa relação subjetiva da língua com o fato deve considerar diversos aspectos contextuais, como a emoção, o uso de signos não linguísticos, posição sócio histórica dos sujeitos do texto e o suporte. Nessa perspectiva, não tem como entender o uso da língua como algo neutro/objetivo.

A pós-verdade é construída a partir desse uso subjetivo e contextualizado da língua. Se assim não o fosse, não existiria a pós-verdade, uma vez que a narrativa do fato produziria, com o uso da língua, os mesmos efeitos de sentido em todos os destinatários, independentemente do tempo, espaço, suporte e demandas do destinatário.

Esse estudo procura analisar, portanto, a relação entre o fato e a construção discursiva dele, tendo como recorte epistemológico o uso da língua.

2-Referencial Teórico

Fazem parte do recorte desse estudo alguns conceitos-chave da Análise do Discurso, da Linguística e da Semiótica. Um desses conceitos é o posicionamento do sujeito em relação à formação discursiva, especialmente a modalidade de tomada de posição elaborada por Pêcheux (1975). Outro conceito importante é a formação discursiva, aqui entendida como “um domínio do saber, constituído de enunciados discursivos que

apresentam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX *apud* GRIGOLLETO, 2005:70).

O aporte teórico desse trabalho teve influência também de conceitos dos Estudos Culturais, dos quais, cinco apontados por Sardar e Van Loon (*apud* Silveira, 2011: 109), são relevantes:

Há, segundo estes dois autores, pelo menos cinco pontos distintivos dos Estudos Culturais. O primeiro é que seu objetivo é mostrar as relações entre poder e s culturais; expor como o poder atua para modelar estas práticas. O segundo é que desenvolve os estudos da cultura de forma a tentar captar e compreender toda a sua complexidade no interior dos contextos sociais e políticos. O terceiro é que neles a cultura sempre tem uma dupla função: ela é, ao mesmo tempo, o objeto de estudo e o local da ação e da crítica política. O quarto é que os EC tentam expor e reconciliar a divisão do conhecimento entre quem conhece e o que é conhecido. E o quinto, finalmente, refere-se ao compromisso dos EC com uma avaliação moral da sociedade moderna e com uma linha radical de ação política.

Já para gênero textual ou discursivo (não é objetivo desse trabalho estabelecer diferenças conceituais de nomenclatura nesse campo), consideramos os estudos de Bazerman (2006: 75), o qual diz que:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. ***Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos*** (grifo nosso).

Como suporte/mídium e a possibilidade que este tem de interferir na construção dos efeitos de sentido, usamos nesse trabalho o conceito de Maingueneau (2001: 104):

Vimos que é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu suporte, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela de computador etc. Essa dimensão da comunicação verbal foi durante muito tempo relegada a segundo plano. Estávamos habituados, especialmente nos estudos literários, a considerar o texto como sequência de frases dotadas de sentido, indiferentes ao seu mídiu. Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o mídiu não é um simples meio de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O mídiu não é um simples meio, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiu modifica o *conjunto de um gênero do discurso* (grifo do autor).

Por fim, nesse estudo a verdade é analisada como se fosse um produto do fetiche, ao qual são atribuídos poderes “mágicos” resolutivos, ou seja, com capacidade de resolução de problemas. O fetiche, para Marx, está na relação que a mercadoria produz com o sujeito, o qual participa das relações sociais apenas como um ser passivo, pois é dominado pelo poder do “feitiço” que a mercadoria exerce sobre ele.

Porém, a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho, na qual ele se representa, não têm que ver absolutamente nada com a sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Por isso, para encontrar uma analogia, temos de nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os homens. Assim como no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. **Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável de a produção de mercadorias** (MARX apud DUARTE, 2004: 11. Grifo nosso).

A verdade fetichizada cria vida própria e se torna em algo que não deve ser questionado, apenas praticado. Essa imagem da verdade pura e infalível é uma demanda do universo da subjetividade.

[...] o jogo que eu gostaria de jogar: consistiria em saber ser a vontade de verdade não exerce, com relação ao discurso, um papel de exclusão, análogo – numa certa parte e, admito, numa parte apenas – ao que pode desempenhar a oposição entre loucura e razão, ou o sistema de proibições (FOUCAULT, 2014:4).

3 O discurso político na era da pós-verdade

A comunicação é o primeiro passo para a dominação. Cada relação social de poder se expressa através do discurso, seja ele verbal ou não. Inúmeros períodos da história denunciam como a linguagem foi utilizada para engendrar ideias de acordo com conceitos estabelecidos por figuras influentes. Os sofistas, na Grécia antiga, foram os primeiros a utilizar a eloquência e a arte de argumentar como instrumento para convencer estudantes a irem para suas escolas e receberem seus ensinamentos a partir de questionamentos sobre a sabedoria advinda dos deuses e promissões de ascendência social com o auxílio da virtude.

Avançando para o séc. XX, observamos outro período em que a fala e os recursos imagéticos foram determinantes para a história de um povo e mundial. A propaganda nazista e os discursos emblemáticos de Hitler na Segunda Guerra Mundial foram decisivos na promoção de ideais antissemitas e nacionalistas. Com filmes, comerciais e falas para multidões, o nazifascismo disseminou-se de forma gradativa e inconsciente no imaginário e nas atitudes da população alemã.

Esses dois fatos históricos representam como a oratória de figuras públicas se utilizou de informações não verídicas para influenciar a população e atingir um poder econômico e político. Esse fenômeno foi mais tarde intitulado de “pós-verdade” pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich em 1992 e este termo foi eleito em 2016 como a palavra do ano pelo dicionário Oxford.

Eventos políticos mundiais contemporâneos simbolizam como conveniências discursivas e o apelo emocional das massas ainda se fazem presentes nas sociedades. A surpreendente eleição do atual presidente americano Donald Trump alude em sua completude esse fenômeno linguístico. Desde o início de sua campanha, o candidato eleito pelo partido Republicano fez comentários sexistas, homofóbicos, racistas e xenofóbicos e, mesmo permeado de polêmicas e acusações de assédio, conseguiu se eleger com 290 votos no colégio eleitoral. Com plágio de discursos anteriores, apologia a intolerância aos imigrantes (principalmente de origem muçulmana e latina) e com a promessa de fazer a “América grande novamente”, Trump conseguiu atingir a população branca (em sua maioria) e conservadora americana, o que foi decisivo para a sua vitória. Ele embasou seu discurso na desesperança americana e em uma crise ideológica e política de modo que seus eleitores direcionassem sua intolerância para um extremo comum (imigrantes e minorias, por exemplo) e depositassem suas expectativas no ex-apresentador de “O Aprendiz” que lhes assegurava um futuro próspero. Em sua mais célebre obra, “O príncipe”, Maquiavel apresenta instruções do que um governante deve praticar para se manter no poder. Um fundamento desse código de conduta é a mentira e a capacidade de agir de acordo com as circunstâncias para moldar suas ações e permanecer no poder: “Assim, a qualidade exigida do príncipe que deseja se manter no poder é sobretudo a sabedoria de agir conforme as circunstâncias. Devendo, contudo, aparentar possuir as qualidades valorizadas pelos governados. O jogo entre a aparência e a essência sobrepõem-se à distinção tradicional entre virtudes e vícios. A virtú pública exige também os vícios, assim como exige o reenquadramento da força. O agir virtuoso

é um agir como homem e como animal. Desta forma, pode-se afirmar que governantes como Trump estão agindo de forma maquiavélica e utilizando de seus discursos e ações para abranger determinado público e se sustentar no poder.

Outros eventos imprevisíveis ocorridos em 2016 foram os plebiscitos na Colômbia e Reino Unido. A consulta à população colombiana tratava-se do acordo de paz entre o governo e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), movimento guerrilheiro que resiste no país a mais de cinquenta anos e já sequestrou e assassinou milhares de cidadãos. Em setembro do ano anterior, um acordo de paz foi prematuramente assinado entre o presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, e o líder dos guerrilheiros Rodrigo "Timochenko" Londoño. Porém, o tratado só poderia ser implantado após um plebiscito que ocorreria no mês seguinte. Por essa guerra civil perdurar por meio século, pairava sobre o país uma sensação de que o resultado positivo viria e então, inesperadamente, no dia dois de outubro o “não” ao acordo tinha ganhado por 50,24% dos votos. Este resultado pode ser explicado através de um sentimento de ressentimento e revolta advindo da população, uma vez que esta acreditava que o acordo beneficiaria os guerrilheiros (para que os guerrilheiros entregassem as armas, ficou estabelecido que o Estado pagaria um valor correspondente a 90% do salário mínimo colombiano durante dois anos, para que pudessem se sustentar até conseguirem se reintegrar à sociedade e ao mercado de trabalho. O governo colombiano também se comprometeu a investir 70 milhões de dólares para transformar as Farc em um partido político e preparar seus líderes) e não os puniria o suficiente. Criou-se a partir daí uma mistificação em torno do tratado de tal forma que a população passou a acreditar que votar “sim” significaria renunciar à justiça e a paz e compactuar com a impunidade: “A questão é como garantir justiça num processo de paz. Muitos analistas já chegaram à terrível conclusão de que não há paz com justiça e com justiça não há paz. Em grande parte desses processos de conciliação, as sociedades envolvidas nos conflitos precisaram passar por cima de suas feridas para poder se reconstruir.” afirma a jornalista Consuelo Dieguez em uma análise da questão colombiana na revista Piauí.

Como no país sul americano, o Reino Unido propôs um plebiscito para apurar a opinião pública só que em um âmbito econômico: se a Inglaterra deveria ou não sair da União Europeia (UE). O bloco econômico consiste atualmente em 27 países que juntos concentram suas soberanias econômicas e políticas para gerar influência mundial. Os

argumentos favoráveis a saída do bloco, majoritariamente defendidos pela ala conservadora do país, versavam basicamente sobre imigrantes não documentados entrarem de forma clandestina no país e gerarem gastos que seriam destinados a saúde pública e impactos econômicos derivados da UE (apesar de o orçamento da União Europeia representar apenas 2% da despesa governamental dos membros do bloco). Este discurso atingiu de tal forma as áreas periféricas do país que no dia 23 de junho os britânicos foram às urnas e votaram favoráveis ao “BREXIT” (uma aglutinação das palavras “Britain”, Grã-Bretanha, e “exit”, saída) com 52% dos votos. Este resultado foi inesperado por economistas, jornalistas e até por boa parte da população. A explicação da vitória do “sim” possivelmente derive do conjunto de fatos desses eleitores terem escolhido não acreditar em especialistas, jornais, personalidades e até no ex-presidente dos EUA, Barack Obama, que fizeram campanha para a permanência do Reino Unido no bloco e alertaram para as consequências negativas caso acontecesse a saída e indivíduos terem propagado informações infundadas a respeito da atual situação da Inglaterra de tal forma que a única maneira encontrada de flexibilizar a economia foi se retirando da UE.

Esses três eventos tem como ponto convergente o questionamento sobre o conceito de verdade nas sociedades atuais. Hanna Arendt em seu ensaio “Verdade e Política” traz duas definições de verdade: as verdades da razão e as verdades dos fatos. As verdades racionais se apresentam como verdades com uma natureza evidente e indubitável, como as das ciências exatas ou da filosofia. Já as verdades observadas no cotidiano, que refletem os fatos e os eventos do cenário público são denominadas verdades factuais e acrescenta: “A verdade de fato, pelo contrário, é sempre relativa a várias pessoas: ela diz respeito a acontecimentos e circunstâncias nos quais muitos estiveram implicados; é estabelecida por testemunhas e repousa em testemunhos; existe apenas na medida em que se fala dela, mesmo que se passe em privado. É política por natureza. Ainda que se deva distingui-los, os fatos e as opiniões não se opõem uns aos outros, pertencem ao mesmo domínio”. As notícias publicadas pelo meio jornalístico se encaixam nas verdades dos fatos. Desde a eleição de Trump até o BREXIT os jornais cobriram de forma intensa todos os acontecimentos quase que em tempo real. Numa era em que se vive a mercantilização da informação, o tempo é imprescindível para se

garantir no mercado. Essa fluidez do processo jornalístico é fator decisivo para determinar a qualidade das notícias publicadas e com isso a propagação de notícias falsas.

Vivencia-se a era da informação como nunca antes na história humana e grande parte desse fenômeno se dá pelo avanço da internet, mais especificamente pela popularização das redes sociais. Com essa teia de conexões tornou-se ainda mais fácil a divulgação dessas “Fake News”. O jornalismo que deveria ser responsável por checar os fatos e se ater o máximo possível à verdade tem perdido terreno para o sensacionalismo e as falácias virtuais. Embora no período áureo do jornalismo impresso também fossem produzidas notícias mentirosas, é irrefutável a discrepância, em termos quantitativos e de velocidade, com que essas informações falsas são compartilhadas.

Desta forma, pode-se inferir que a era da pós-verdade não surgiu na contemporaneidade, apenas houve um agravamento e percepção desse fenômeno a partir de crises econômicas e políticas atuais e com o advento das redes sociais. O homem sempre pautou suas relações de confiança no uso da palavra (escrita ou não) e questiona a sua veracidade a partir de determinantes sociais. Foucault (2000: 427) explica essa relação humana com o discurso e a palavra:

O que o pensamento clássico faz surgir é o poder do discurso. Isto é, da linguagem na medida em que ela representa — a linguagem que nomeia, que recorta, que combina, que articula e desarticula as coisas, tornando-as visíveis na transparência das palavras. Nesse papel, a linguagem transforma a sequência das percepções em quadro e, em retorno, recorta o contínuo dos seres em caracteres. (...) Na idade clássica, o discurso é essa necessidade translúcida através da qual passam a representação e os seres — quando os seres são representados ao olhar do espírito, quando a representação torna visíveis os seres em sua verdade. A possibilidade de conhecer as coisas e sua ordem passa, na experiência clássica, pela soberania das palavras.

4 Considerações finais

Esse estudo analisou a construção discursiva da pós-verdade e a relação dela com o jornalismo a partir do uso da língua. Usou como recorte a descrição de fatos políticos acontecidos na Europa, América Latina e Estados Unidos.

A sugestão aqui é de que outros estudos analisem com mais profundidade as falas de sujeitos na construção da pós-verdade para que, por meio de um *corpus* ampliado, identifiquem exemplos de discursos de contraidentificação a essa pós-verdade. Além disso, sugere-se também que esses estudos considerem a dimensão holística (não fragmentada) das ações e falas dos sujeitos envolvidos.

Esse estudo mostra que muitos esperam pela profecia de que um feiticeiro vindo dos céus irá nos libertar de miséria, injustiças e dor. Porém, como na alegoria de 1900 de L. Frank Baum, o mágico de Oz grande e poderoso não passa de truques pirotécnicos que conseguem convencer a população de seus poderes. As representações político-sociais são apenas espelhos e fumaça que conseguem embaçar o julgamento dos telespectadores de tempos em tempos. Falsos deuses surgirão e cairão e cabe a nós olharmos além de suas auras ofuscantes e perceber o que realmente há por trás delas de forma crítica e racional.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel- São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização de Ângela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. Revisão técnica Ana Regina Vieira. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRANDÃO, H.N. (coord.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2000.

DUARTE, N. (org.). **Crítica ao fetichismo do individualismo**. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

FOUCAULT, M. **Aulas sobre a vontade de saber: curso no collège de France**. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMK Martins Fontes, 2014.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GRIGOLETTO, E. **A noção de sujeito em Pêcheux**: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. In: Estudos da língua(gem). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Nº 1 (jun, 2005). Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVEIRA, R.M.H. (org.). **Cultura, poder e educação**: um debate sobre estudos culturais em educação. 2.ed. Canosas-RS: Ed. ULBRA, 2011.